



CONGRESO INTERNACIONAL DE ARTES,
EDUCACIÓN Y POSTDIGITALIDAD
Las imágenes en la enseñanza e
investigación desde la era (post)COVID-19

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTES,
EDUCAÇÃO E PÓS-DIGITALIDADE.
As imagens no ensino e na pesquisa da era
(pós)COVID-19

1 al 3 de diciembre de 2021 1 a 3 de dezembro de 2021.

Sevilla 2021

Propuesta de comunicación para ruedas de conversación | Proposta de comunicação para rodas de conversa

NOMBRE / NOME	Sonia
APELLIDOS / SOBRENOME	Tramujas Vasconcellos
UNIVERSIDAD O INSTITUCIÓN / UNIVERSIDADE OU INSTITUIÇÃO	Universidade Estadual do Paraná
LÍNEA TEMÁTICA SELECCIONADA / LINHA TEMÁTICA SELECCIONADA	4): O anticolonial e suas implicações para o ensino e a pesquisa nas / com as artes.
PREGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXIONAR / PERGUNTA SELECCIONADA PARA REFLEXÃO	Teremos radicalismo crítico para empreender a luta educacional anticolonial expondo a colonialidade construída em nós?
BREVE TÍTULO DE LA PROPUESTA / BREVE TÍTULO DA PROPOSTA /	Um café (de)colonial entre estudantes da Licenciatura em Artes Visuais
PROPUESTA DE TEXTO (ENTRE 300 Y 400 PALABRAS) / TEXTO PROPOSTO (ENTRE 300 E 400 PALAVRAS)	<p>Na publicação intitulada <i>A América Latina existe?</i> Darcy Ribeiro (2010) relata que mais parecemos um arquipélago de ilhas para os grandes centros econômicos europeus e americanos. Que história de nossos países estudamos? Por que usamos o termo "descoberta" da América? Vale a pena nos perguntarmos se somos sujeitos ou objetos de nossa história e que autonomia exercitamos para questioná-la e modificá-la.</p> <p>Em uma disciplina que ministrei no primeiro semestre de 2019 para estudantes da Licenciatura em Artes Visuais (Unespar/Fap) com foco na Decolonialidade, surgiram vários relatos pessoais e familiares, de apagamento de histórias e de exposição de situações constrangedoras que são naturalizadas e aceitas por muitos (consciente ou inconscientemente). Um dos grupos de estudantes preparou um café (de)colonial para os colegas, trazendo à tona este</p>

tipo de refeição ofertada em várias regiões do Brasil e a carga histórica e racista presente no nome de vários doces. Surpresa e espanto mudaram o sabor das guloseimas, pois nos demos conta de que perpetuamos a colonialidade em diversas situações: família, amigos, escola.

Boaventura de Sousa Santos (2006) questiona o que não é considerado útil para as culturas hegemônicas, enfatizando que o que a ciência deixa de fora como inexistente é, de fato, produzido ativamente para se manter inexistente. Conhecimento que não é útil, não tem valor e, portanto, não existe. Em conversas com alunos sobre histórias familiares, alguns relataram ter ouvido em algum momento a menção de parentes indígenas, chamados pela família de "bugres" (palavra pejorativa), mas não conheciam suas histórias, apenas a parte dos parentes vindos da Europa. Ou seja, parte da história das famílias, das nossas cidades e regiões permanece ativamente produzida como inexistente.

Sendo assim, estamos preparados para confrontar o que escolhemos para ensinar? Sob a denominação de "cultura comum" um recorte é feito, demarcando uma cultura particular e colonizada. Por outro lado, quando se abordam aspectos interculturais, o problema reside na permanência de uma visão essencialista, desvinculada de conflitos sociais e históricos. A neutralidade nos mantém na superfície, na aparência, e nos impede de romper grilhões e aprofundar conflitos. A questão é que o radicalismo crítico para uma sociedade anticolonial perpassa a educação, mas é constantemente afetado pela colonialidade presente no nosso cotidiano e em nossas leituras de mundo.